Despedidas: 1895-1899

António Pereira Nobre

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Despedidas: 1895-1899

António Pereira Nobre

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

ANTONIO NOBRE

Despedidas

1895-1899

Prefacio de José Pereira de Sampaio (_Bruno_)

PORTO

1902

DESPEDIDAS

DO MESMO AUCTOR:

Só (2.ª edição, illustrada), Paris, 1898.

NO PRÉLO:

PRIMEIROS VERSOS

Prefacio de Justino de Montalvão

D'este livro, publicado por Augusto Nobre, tiraram-se dois mil exemplares

Direitos reservados

ANTONIO NOBRE

Despedidas

1895-1899

Prefacio de José Pereira de Sampaio (_Bruno_)

PORTO

1902

A fraterna piedade de Augusto Nobre e a saudade amiga de Justino de Montalvão honraram-me com o pedido commovente de algumas linhas que acompanhassem este volume posthumo. Tendo organisado a nota que precede os fragmentos, ao deante publicados, do poema _O Desejado_, hesitei grandemente em acquiescer á solicitação que refiro. Temi que malignas malevolencias acaso increpassem como de impertinente intromettimento essas linhas sinceras e innocentes. E ellas seriam, de facto, com severidade condemnaveis, desde que as dictassem pedantescas pretensões de recommendação ás delicadas leituras. O nôme do poeta não é sómente conhecido; está decisivamente consagrado. Um prosador incorrecto e secco não conseguiria senão tornar-se ridiculo, quando tam improcedente estimulo fôsse a impulsional-o.

Assim meditava e quasi me resolvia por uma polida escusa, que me magoaria aliaz; porém mais se radicou em meu animo o motivo antagonico que me convidara a ceder á captivante seducção do

pedido, feito pelo irmão e pelo companheiro.

Lembrava-me e lembrei-me de que fôra eu quem, sem sequer de vista o conhecer, apontou ao publico culto o original, promettedor talento d'aquelle moço ignorado então.

Concorrendo n'um effeito de beneficencia, apparecera no Porto um volumesinho de versos, collaborado principalmente por academicos, sob o titulo generico e designativo de _Um bouquet de sonetos._ Eu lêra as composições contidas na sympathica collecção e prestei preferente cuidado áquellas que a novos, sem notoriedade ainda, pertenciam. Entre essas, primacialmente sobresahia o soneto de Antonio Nobre, nôme que eu havia notado já, por subscrever, em revistas litterarias de collegiaes, infantilidades onde perpassava uma restea do fulgor divino. Fundára, por esse tempo, um diario de propaganda politica _A Discussão_; na secção litteraria da folha estampei um artigo longo ácerca do opusculo que me attrahira o reparo; Gomes Leal replicou-me, com motivo d'algumas affirmativas minhas, concernentemente á fórma e á essencia do genero artistico. E no modesto estudo com que momentaneamente quebrei, confugindo, a monotonia acre das acerbas recriminações partidarias, indiquei o nôme do joven poeta, como o de alguem que tinha personalidade e viria a ser muito.

Veio, na verdade, a ser muito: tam fino, candidamente malicioso, dôce, ingenuo era seu temperamento; tam sincera sua tristeza; tam moderno seu gosto; tam nacionalista seu sentir, na patria e na familia; tam suggestiva sua imaginação, ardorosa e melancholica!

Ora, já quando, na jubilosa plenitude da consciencia esthetica, o escriptor preparava em Paris o original definitivo do seu volume

_Só_, como quer que ao mesmo Paris, sceptico e arisco na banalidade d'uma affectuosidade de superficie, me atirasse uma onda centrifuga do atroz redomoinho, elle mostrou-me que não esquecera as palavras do jornalista portuense, as quaes só um merito possuiam, o de se haverem coadunado com o lealismo d'uma emoção espontanea. Na escura rua de Trévise me procurou, abandonando por horas a sua preferida margem-esquerda, de que lhe era tam penoso afastar-se, Antonio Nobre, uma tarde em que eu soffria cruelmente. Esta visita sensibilisou me; como me encantou a conversação do poeta, pelo tom subtil da melindrosa reserva na consolação, a um tempo caridosa e primorosa, d'um'alma em carne viva, como a minha por então andava.

Só no Porto novamente me reencontrei, conversando, com Antonio Nobre; de volta do exilio eu, de regresso da illusão de estancias salvadoras elle. Ambos viajaramos; ambos conheceramos a glacial indifferença do homem; o poeta e o politico encontravamo-nos na identidade d'uma amarga desesperança tranquilla. Separamo-nos depois de uma hora, melhorados para um instante.

Não o tornei a vêr; sabia qua ia cada vez mais a peor, n'este rude Porto, fatal, physica e moralmente, ás naturezas susceptivelmente quintessenciadas como a d'elle. Subito entrou em minha casa Justino de Montalvão, para que eu estivesse á noite na egreja, a ajudar a conduzir o nosso amigo, no seu caixão, para a sua tarima. Eis o desfecho de tudo.

Nunca me affligiu a minha aridez verbal como agora, em que me daria um orgulho ineffavel o poder fallar do talento d'este querido morto com palavras encantadas, que embebessem a leitura n'uma idealidade sonhada.

Pouso a penna aspera; demasiado dilacerou o papel; o dever da gratidão está cumprido; mas quedaria ainda faina para a critica perspicaz e expressiva. Como indispensavel, tocante elemento informativo, tenho aqui a fazer uma referencia ao titulo do volume, _Despedidas_. Este titulo foi escolhido pelo poeta. Criminosa impiedade seria que d'outrem emanasse.

Em uma das crises de pungente desanimo que frequentemente o assaltavam no ultimo periodo da implacavel enfermidade a que succumbiu, pediu elle que, se viesse a morrer antes de poder publicar o seu livro, lhe dessem o titulo de _Despedidas_, significando este a sua retirada da vida litteraria; mas mais tarde deu a perceber claramente que assim o escolhera, por serem as suas ultimas poesias, visto que tinha perdido a esperança de cura da doença que o torturava. Ainda só quinze dias antes da data fatal do seu trespasso, quiz elle ir para a aldeia, com tenções de passar a limpo todas as suas poesias e de escrever definitivamente _O Desejado_, que, como se frisa na nota que lhe precede hoje os fragmentos, o poeta tinha todo _in mente_, mas muito incompleto nos seus cadernos de apontamentos.

D'estas linhas que acima ficam se deprehende que jámais lograram os versos que sahem agora a lume o ser corrigidos por seu auctor. Se imperfeições aqui ou alli acaso os maculem, acate-se o legitimo escrupulo que não se atreveu a sujeitar o texto a alheia revisão minuciosa. Elle foi recebido como uma herança de coração; com inquieto sobresalto, julgou-se sacrilego que ella não fosse assaz respeitada.

Todavia, esta advertencia era indispensavel, para obviar a quaesquer reparos que o livro actual podesse offerecer a uma leitura ou hostil ou

sequer fria. Não é a essa especie de critica, a qual não comprehende porque não sente, que o editor confia a obra posthuma do poeta a quem amou e cuja inolvidanda memoria o penetra d'uma inexhaurivel saudade. A verdadeira critica, a critica san, fal-a-ha o leitor melhormente dotado, com apurar que o livro actual, fragmentario consoante é, confirma a gloria de Antonio Nobre, cuja figura litteraria destacará como uma das mais accentuadas d'entre as mais accentuadas da nova geração portugueza.

José Pereira de Sampaio (_Bruno_).

SONETOS

1

Logica

Ai d'aquelles que, um dia, depozeram
Firmes crenças n'um bem que lhes voou!
Ai dos que n'este mundo ainda esperam!
Terão a sorte de quem já esperou...

Ai dos pobrinhos, dos que já tiveram
Oiro e papeis que o vento lhes levou!
Ai dos que tem, que ainda não perderam,
Que amanhã, serão pobres como eu sou.

Ai dos que, hoje, amam e não são amados,
Que, algum dia, o serão, mas sem poder!
Ai dos que soffrem! ai dos desgraçados

Que, breve, não terão mais p'ra soffrer!

Ai dos que morrem, que lá vão levados!
Ai de nós que ainda temos de viver!

Pampilhoza, 1895.

2

Ao Cahir das Folhas

A MINHA IRMÃ MARIA DA GLORIA

Podessem suas mãos cobrir meu rosto,
Fechar-me os olhos e compôr-me o leito,
Quando, sequinho, as mãos em cruz no peito,
Eu me fôr viajar para o Sol-posto.

De modo que me faça bom encosto,
O travesseiro comporá com geito.
E eu tão feliz! por não estar affeito,
Hei-de sorrir, Senhor! quazi com gosto.

Até com gosto, sim! Que faz quem vive
Orpham de mimos, viuvo de esperanças,
Solteiro de venturas, que não tive?

Assim, irei dormir com as crianças
Quazi como ellas, quazi sem peccados...
E acabarão emfim os meus cuidados.

Clavadel, outubro, 1895.

3

Á SUPERIORA D'UM CONVENTO DE PARIS

Não me esqueço de si, minha Mãe, fôra
Onde fôra. Ao contrario, lembro ás vezes
Essa viagem nossa (de ha alguns mezes)
Sobre as agoas do mar! Se fosse agora...

Oh o encanto da viagem seductora!
Que bem me disse então dos Portuguezes!
Que faria hoje! foram-se os revezes!
O que lá vae pela Africa, Senhora!

Depois, ao separarmo-nos no Tejo,
Disse-me (com que voz e com que modos!)
«Deus o faça feliz, ao seu desejo!»

Mas não fez, minha Mãe! Talvez no céo...
Porque afinal os homens quazi todos
Têm sido e são muito mais maus do que eu...

St. Johann Am-Platz, 1896.

4

Nossos amores foram desgraçados,
Desgraçada paixão! tristes amores!
Se Deus me dá assim tamanhas dores,
É porque grandes são os meus peccados.

Quando virão os dias desejados?
Quando virá Maio para eu vêr flores?
Nunca mais! ainda bem, santos horrores!
Que os pobres dias meus estão contados.

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com